

RESUMO EXPANDIDO - ÁREA DE CIÊNCIAS SOCIAIS E APLICADAS

**A CRISE CONJUGAL NA MEIA-IDADE: REFLEXÕES SOBRE O FILME "UM DIVÃ PARA DOIS" À LUZ DO DESENVOLVIMENTO HUMANO**

*Vicente Edimar Da Silva Neto (vedimae@gmail.com)*

*Maria Eucivânia Vieira Da Silva (eucivanciasilva2001@gmail.com)*

*Juares Ribeiro Da Silva Neto (juares.infor@gmail.com)*

*Rosylane De Freitas Nogueira (rosylanenogueira@yahoo.com.br)*

O estudo discute a crise conjugal na meia-idade a partir da análise do filme Um Divã para Dois (2012), articulando suas cenas e conflitos às teorias do desenvolvimento humano, especialmente às contribuições de Erik Erikson e Diane Papalia. A meia-idade é apresentada como uma fase de intensas transformações emocionais, físicas e existenciais, marcada pela chamada “crise da meia-idade”, conceito introduzido por Elliot Jaques em 1965, que descreve sentimentos de insegurança e reflexões profundas sobre conquistas, frustrações e o sentido das relações interpessoais. Nesse período, fatores como distanciamento emocional, perda da intimidade e o peso da rotina podem fragilizar casamentos longos.

À luz da teoria dos estágios psicossociais de Erikson, o texto destaca a sétima fase, generatividade versus estagnação, como eixo central da análise. Enquanto a generatividade envolve cuidado, renovação e investimento nos vínculos, a estagnação se manifesta como rigidez, retraimento e sensação de

vazio quando a necessidade de contribuição não é atendida. A partir dessa perspectiva, o relacionamento conjugal é entendido não apenas como um laço afetivo, mas como um espaço contínuo de amadurecimento, aprendizado e revisitação de papéis ao longo do ciclo vital.

O método utilizado foi um estudo qualitativo e descritivo baseado em um estudo de caso cinematográfico. O filme foi escolhido por representar de forma sensível as dinâmicas emocionais e relacionais da meia-idade. Na narrativa, Kay e Arnold, após décadas de convivência, enfrentam o desgaste da rotina e o afastamento afetivo. Kay simboliza o desejo de renovação e reconexão, enquanto Arnold resiste à mudança, buscando refúgio na previsibilidade. Essa oposição ilustra o conflito entre generatividade, representada por Kay, e estagnação, representada por Arnold. O terapeuta Dr. Bernie Feld atua como mediador, promovendo diálogos, exercícios de intimidade e enfrentamento de temas evitados.

O filme revela que a crise conjugal não decorre necessariamente de falta de amor, mas da dificuldade de enfrentar vulnerabilidades e da ausência de comunicação. A análise identifica a presença de ciclos de desconexão afetiva, semelhantes aos descritos pela Terapia Focada nas Emoções, nos quais um parceiro busca proximidade e o outro se retrai. Assim, o divã aparece como lugar de ressignificação, confronto com a verdade emocional e reconstrução da intimidade.

Com base em Papalia e Feldman, o texto reforça que o desenvolvimento humano é contínuo e envolve mudanças ao longo de toda a vida adulta. O filme demonstra que a intimidade só se sustenta quando há abertura para enfrentar medos, flexibilizar expectativas e construir novos significados para a vida a dois. A ausência de brigas, muitas vezes vista como paz conjugal, é apresentada como possível indicador de silêncio afetivo e ruptura emocional.

Como conclusão, o estudo destaca que Um Divã para Dois ilustra que recomeçar é possível, mas exige coragem, diálogo, paciência e disposição para enfrentar a dor que acompanha o processo de mudança. O amor,

segundo a obra e a análise, é uma construção diária que necessita cuidado e constante reconstrução. A atividade também se mostrou formativa para os estudantes, permitindo aproximar teoria e prática e ampliando a compreensão sobre os desafios emocionais da meia-idade no contexto dos relacionamentos.

Palavras-chave: desenvolvimento humano; envelhecimento; relações afetivas; vínculo conjugal.